

1

REZAR A VIDA

Quando a Matéria-Prima me abordou para escrever um livro, confesso que estranhei. Já escrevia nas redes sociais e no blogue há algum tempo, e não via um motivo para o fazer de forma mais robusta. Mas, à medida que o tempo ia passando, sentia-me cada vez mais desinquietado, alguma coisa me impelia a fazê-lo. É desta metabolização de emoções que nasce *Deus como Tu*. O impacto em mim foi enorme. Quando peguei nele pela primeira vez, senti uma comoção muito forte. Ainda assim, não fazia ideia de quanto as minhas palavras tocariam as pessoas que mais tarde o leram. Recebi mensagens, *e-mails*, missivas de pessoas conhecidas e desconhecidas, a agradecer, a partilhar comigo o que sentiam.

Fiquei muito feliz com a reacção dos amigos e família e tocou-me especialmente uma carta que recebi de alguém que não conhecia. Eram quatro páginas manuscritas de uma pessoa reclusa a quem tinha sido oferecido o *Deus como Tu*, cuja leitura o fez pensar e, sobretudo, questionar a sua falta de fé.

Este *Rezar a Vida*, também com inspiração na rubrica mensal com o mesmo título, que fui escrevendo ao longo do ano na revista *Mensageiro*, nasce num caminho que começou a ser trilhado na necessidade de aprofundar alguns temas que me são

caros. Sobretudo esta questão que me inquieta: como viver a fé no quotidiano? Como trazer a vida e a força da fé para o dia-a-dia? De que modo posso tratar os textos bíblicos, algumas perspectivas religiosas, as celebrações e as festas, de modo a interessar quem me lê?

Santo Inácio de Loiola, nos Exercícios Espirituais, propõe que façamos um Exame de Consciência. E devo dizer que nada nestes exercícios é moral ou moralista, pelo contrário. A proposta deste exercício é que percebamos onde anda Deus na nossa vida e como é que Ele me pode ajudar a ser uma pessoa mais plena, de coração e cabeça voltados para os outros, sem nunca me esquecer de mim. E isto é um caminho que se faz no quotidiano, na espuma dos dias e nos momentos em que, deliberadamente, paramos para pensar, focar e centrar no que nos importa e em quem se importa connosco. Aliás, pensando bem, é um caminho que se faz sobretudo no quotidiano, porque passamos mais tempo no concreto e no real do dia-a-dia do que no extraordinário e no simbólico, que também são fundamentais na nossa vida.

E cá está ele, *Rezar a Vida*, um livro que, segundo o género de partilha, pretende explorar outras dimensões, abrir mais a alguns temas, falar mais sobre pontos pouco debatidos. Sem querer mergulhar a fundo na Teologia, mas também sem esquecer a experiência da Fé, da existência espiritual, da transcendência, não no abstracto, mas no concreto da nossa vida, olhando para o lado mais abrangente da Fé, do quotidiano da relação com Deus.

A grande inimiga da Fé, muitas vezes, é a ignorância, o desconhecimento, factores que impedem a ligação entre as pessoas. Gosto da palavra francesa *connaître* (em português,

“conhecer”) porque tem pelo meio uma outra palavra, *naître*, que significa “nascer”. E, para mim, conhecer, aprender, é quase como nascer de novo. Se de *Rezar a Vida* nascer o interesse para outros aprofundamentos de fé, ficarei feliz. Mas se a sua leitura provocar reflexão ou uma boa conversa, ficarei igualmente contente e sentirei que valeu a pena escrevê-lo. Crescemos com o outro, sem ele não existimos nós. Se nos ajudarmos a pensar, se um parágrafo que seja espoletar ideias e pensamentos, se permitir a concordância e a identificação com o ponto de vista de alguém mas também a discordância, na imensa abertura que estes temas permitem, seremos todos bastante mais ricos de mundo e vida interiores.

Saliento ainda que este é um livro para crentes e não crentes, porque Deus vê pessoas, com as suas características, não vê esta dicotomia em que o mundo parece viver. Com fé ou sem ela, somos todos seres humanos. E é nessa dimensão de humanidade, necessariamente subjectiva, que desejo que se leia este livro. Nesta noção de que é possível uma aproximação a Jesus, à Fé, aos padres, aos outros, sem que nos sintamos constantemente julgados e colocados em gavetas que não contemplam a nossa individualidade.

2

UM LUGAR NO MUNDO

Nestes tempos de ruído constante, onde poucos assuntos parecem ter lugar para reflexão e aprofundamento mais sérios, dou por mim, muitas vezes, a pensar no papel do padre na sociedade e comunidade; no fundo, também no meu papel e lugar. Olho em volta, acolho quem me procura, e percebo que ser Paulo e ser padre não são existências distintas, elas fazem parte do que sou. Como Paulo, tenho uma história, uma vida, um corpo de experiências. Sou uno, em toda a minha complexidade. Como padre, porém, faço parte de algo maior. Sou participante da humanidade e, através deste acto de fé, sou participante da divindade, não a divindade endeusada, mas vivida e encarada na dimensão espiritual que nos une a todos em comunidade. Somos todos ajudantes e participantes e ajudamo-nos mutuamente a fazer corpo na fé que nos une.

Mesmo com dias mais duros, em que a vida me testa e põe à prova, sinto-me agradecido por ser padre, agradecido pela minha vocação, mesmo (e sobretudo) quando sinto que o tema da religião leva a agressividade. Nas noites de insónia, com o pensamento a soltar-se descompassadamente, chegam-me muitas perguntas: o que é ter fé nos dias de hoje? Qual é o meu papel? Como posso ajudar? E sempre que as inquietações sur-

gem, recordo o forte pedido que fiz a Deus, na celebração da minha primeira missa: “Peço-Te um coração que escuta.” E é neste pedido que encontro o meu lugar, na escuta da realidade, no acolher de quem me procura e deseja alguém que as ame como são, na sua subjectividade, na sua grandeza e miséria.

Quando falo com quem me procura, não falo apenas como Paulo, mas como Paulo que é padre. A minha palavra, nesse contexto, tem um peso maior. Não pelo Paulo que é Paulo, mas, justamente, pelo Paulo que é Padre. Nessa condição, há uma autoridade, concedida pelo inconsciente colectivo, que também nos confere uma missão: a do acompanhamento, na ajuda ao próximo a ser livre e a ser feliz. É aí que me sinto, que me vejo e que sou. Paulo ou Padre, enquanto ordenado, o meu caminho é servir a Deus servindo o próximo.

É também com esta ideia, com esta certeza, que vou fazendo o caminho, sem me desligar do mundo mas como parte da comunidade e fazedor da minha realidade, tentando ver o belo, o bom, o ajustado no final de cada dia. Sem ingenuidade, sem ilusão, mas lutando pela justiça através da misericórdia. Em oração, peço a Jesus para ser cada vez mais humano e cada vez mais ao Seu modo. Um bom padre nesta igreja concreta, trabalhando sempre as dimensões humana, espiritual, psicológica, comunitária, intelectual. No recolhimento de todos os dias, antes do descanso necessário, agradeço por ser padre, por ser jesuíta, nesta Igreja em transformação, neste mundo onde, à semelhança de Jesus, sou chamado a dar vida.

O pedido que fiz a Deus na minha primeira missa assenta no sonho de Salomão. Seu pai, David, reinou sobre Israel por 40 anos. À sua morte, Salomão torna-se rei. Uma noite, sonha que Deus lhe aparece e diz: *pede-me o que quiseres.*

Ao que ele lhe responde: *“Tu trataste o teu servo David, meu pai, com grande misericórdia, porque ele andou sempre na tua presença com lealdade, justiça e rectidão de coração para contigo; conservaste para com ele essa grande misericórdia, concedendo-lhe um filho que hoje está sentado no seu trono. Agora, SENHOR, meu Deus, és Tu também que fazes reinar o teu servo em lugar de David, meu pai; mas eu não passo de um jovem inexperiente que não sabe ainda como governar. O teu servo encontra-se agora no meio do teu povo escolhido, um povo tão numeroso que ninguém o pode contar nem enumerar, por causa da sua multidão. Terás, pois, de conceder ao teu servo um coração cheio de entendimento para governar o teu povo, para discernir entre o bem e o mal. De outro modo, quem seria capaz de julgar o teu povo, um povo tão importante?”*

Esta oração de Salomão agradou ao Senhor, que lhe disse:

“Já que me pediste isso e não uma longa vida, nem riqueza, nem a morte dos teus inimigos, mas sim o discernimento para governar com rectidão, vou proceder conforme as tuas palavras: dou-te um coração sábio e perspicaz, tão hábil que nunca existiu nem existirá jamais alguém como tu.” (1 Reis 3, 5-13)

Salomão pediu a Deus sabedoria, um coração que soubesse escutar o povo e decidir com justiça e compaixão. É isso que desejo para mim também. Como padre, peço um coração que acolha quem me procura.